

“[...] QUERO COR DE MENINA, ESSA AQUI É DE HOMEM!”. RELAÇÕES DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS.

Eliana Maria Ferreira

O presente estudo apresenta fragmentos de uma dissertação de mestrado já concluída. Tais fragmentos buscam discutir as problemáticas de identidade de gênero geradas no interior de um centro de educação infantil no tocante as reflexões a cerca dos espaços de participação das crianças nas práticas educativas. A pesquisa se deu numa instituição de educação infantil pública municipal da cidade de Dourados/MS. Optamos pela metodologia investigativa com as crianças numa abordagem qualitativa realizada como um estudo de caso de inspiração etnográfica. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados: diário de campo, registro filmico e fotográfico. O estudo revelou que o espaço de participação consiste na complexidade das relações sociais que são estabelecidas entre as crianças, ficando visível a configuração de poder.

Palavras-chave: práticas; crianças pequenas; identidade de gênero.

Este artigo apresenta fragmentos de uma dissertação de mestrado e busca discutir as problemáticas de identidade de gênero geradas no interior de um centro de educação infantil no tocante as reflexões a cerca dos espaços de participação das crianças nas práticas educativas.

A criança, participe das relações sociais, comunga de um processo social, cultural e histórico e apropria-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar. Compreende-se desta forma a infância como histórica e social. Além disso, acredito na infância, como Sarat (2004) diz:

Como um dos períodos fundamentais para a experiência humana, como o início da vida e do estabelecimento das relações com o mundo exterior. Vejo-a também como um período de aprendizagens e de vivências sociais, que lhes possibilitam formar-se como pessoas, dando continuidade às gerações. (SARAT, 2004, p.16).

Ao pensar a criança e a infância compreendem-se as várias configurações sociais e históricas que são tecidas ao longo do processo de formação da espécie humana, e que estão continuamente em fluxo e concomitantemente em mudanças. Nesta perspectiva, a educação alinhavada ao seu contexto histórico, econômico, social e cultural vem sendo concebida de diversas maneiras. Cada sociedade com suas culturas, pautadas em relações de força delimitam civilidades a partir de modelos e regras a serem seguidas, seja pelas suas práticas, instituições ou nas relações sociais, o que caracteriza um longo processo civilizador. Ao tomar o conceito eliasiano de “configuração”, pode-se dizer que as crianças são um grupo de seres humanos interdependentes moldados por

configurações sociais que se desenvolvem e que se formam entre si e com os adultos. Assim,

A história da infância seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos, com essa classe de idade, e a história da criança seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos com a cultura e a sociedade (KUHLMANN e FERNANDES 2004, p.15).

A criança, participe das relações sociais, comunga de um processo social, cultural e histórico e apropria-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar.

Não podemos deixar de pontuar, que o acesso à informações vinculadas pela mídia e outros meio permitem que as crianças se apropriem de tais valores e comportamentos de forma discriminatórias e estereotipadas.

Ao pensar nelas e nas formas que poderia desenvolver a pesquisa me aproximei das discussões teóricas alicerçadas na sociologia da infância que implicam na construção da pedagogia da educação infantil. Tais discussões destacam a especificidade em olhar atentamente a educação da criança pequena enquanto interlocutora com todas e quaisquer situações educativas desde a organização, estruturas implícitas, práticas e etc. (ROCHA 2001).

Dessa forma, o que é próprio da criança passa no viés dessa pedagogia exclusiva, a ser esmiuçada, questionada, observada, direcionando a maneira como os adultos e crianças criam e recriam a sua participação consolidando o ato educativo.

Trazer para o cerne da pesquisa as crianças como sujeitos e metodologicamente trazer vozes e ações das mesmas, ou seja, falar com e não sobre elas são formas de considerar suas maneiras de ver, pensar e de sentir que lhes são próprias.

Esta pesquisa é um estudo de caso e foi realizada num centro de educação infantil municipal da cidade de Dourados MS. Por ser um estudo de caso com inspiração etnográfica é uma pesquisa que pretende entender as crianças por si mesmas (COHN, 2005). Estes estudos abordam aspectos novos, ou seja, eles procuram detectar novos elementos à medida que surgem novas questões e novas respostas.

Sendo assim, os sujeitos principais da pesquisa foram 14 crianças, de uma mesma turma, com idade de 3 anos e 2 meses a 4 anos e 4 meses. Como também 1 professora e 3 assistentes pedagógicas. É importante esclarecer que as assistentes possuíam formação em pedagogia, exceto uma, devido a um concurso para admissão de

recreadoras, onde não exigia formação específica como o magistério. No período de fevereiro à agosto de 2011, entre 2 a 3 vezes na semana. Para tanto utilizei instrumentos como filmadora, câmera fotográfica, gravador e registro no diário de campo. As situações captadas compreendiam registros com as professoras e assistentes pedagógicos nos turnos matutino e vespertino, nos momentos em que as crianças se encontravam na sala, parque, pátio, banho, durante as refeições, ao adentrarem e saírem do CEIM, nos períodos iniciais de adaptações, por ser um processo marcante na vida das crianças no início do ano letivo, como também no período de férias dos professores e que algumas delas permaneciam na instituição.

A participação das crianças na construção da identidade de gênero

No decorrer da pesquisa empírica tive a oportunidade de ouvir as falas e as manifestações das crianças. A partir daí refleti sobre o que pensam a cerca do seu universo, como constituem esse espaço e as relações que estabelecem entre si e com os adultos na prática educativa.

Na cena abaixo podemos observar a forma como as crianças transformam situações em ações brincantes e vão além, deixando transparecer como as questões relativas à identidade de gênero alteram suas maneiras de participar.

As crianças estão na sala, sentadas em volta de 3 mesas unidas. A professora distribui um papel amarelo cortado no formato de um coração e adverte-os para não estragarem os corações caso contrário não poderão colocar o nome da mãe (atividade alusiva ao dia das mães). Mariana ao receber o seu, pega-o e balançando entoia a seguinte canção ‘o coração é da menina... do menino’ (ela titubeia ao pronunciar menino como se não quisesse ou não lembrasse direito da música). Ana Clara sentada ao seu lado completa: ‘e tem Jesus?’. Bárbara (cantando) com seu coração na mão e balançando-o ‘é diferente’. Ela canta quase que falando. ‘É do menino! Da menina é diferente’. Renan recebe o seu e também canta, porém num volume mais alto: ‘O coração da menina é diferente, é diferente, é diferente, mas é feliz e sorridente, mas é feliz e sorridente’. Renan segura o coração com uma das mãos e a outra ele bate no coração e chama a atenção de Rafael e Felipe que estão sentados quase na sua frente, do outro lado da mesa: ‘olha aqui! Mas é feliz... (e bate no coração) oh Rafael’. Ele diz: ‘oh Renan! Olha aqui Renan...’ (Rafael também ia bater no coração como Renan, porém Renan não olhou e Felipe interceptou a cena olhando para Renan: ‘Olha o meu... o meu é bonito’. (segurando-o nas mãos e mostrando para Renan). Renan responde a provocação: ‘o seu é feio’. Felipe numa posição segura: ‘o meu é bonito’. Carina também mostra e diz: ‘o meu também é’. Renan diz: ‘vamos ver?’ olhando para o coração de Felipe. Rafael diz: ‘o meu tá bonito né Felipe... (tocando em Felipe e chamando sua atenção que neste momento está direcionada a Renan) O meu tá bonito né

Felipe.’ (Felipe olha e ouve) Ele precisa ouvir a confirmação de Felipe. Felipe diz um não bem sutil e vai aos poucos direcionando seu olhar para Carina e diz: ‘da Carina’. Rafael olha para Carina e diz: ‘o teu tá feio’. Felipe que estava olhando para Carina, olha rapidamente para Rafael e surpreso questiona: ‘o meu?’. Felipe muda ação para Carina e apontando com o dedo diz: ‘o dela tá feio, né?’. Rafael para Felipe compactuando: ‘nem o seu, nem o meu, né?’. Felipe: ‘éééé, o dela tá feio, o coração dela’. Carina não retruca. (Diário de campo, 04/05/2011).

Nessa cena temos dois elementos que nos chamam atenção pelo aspecto da reprodução interpretativa: Um primeiro momento, Mariana canta a música por lembrar-se da canção, porém enfatiza as questões de gênero – muito recorrente nas falas deles. Num segundo momento, Renan canta também e brinca com o coração. Aqui o papel (em formato de coração) é tomado com outra representação para a criança, o brinquedo, caracterizado pelo momento em que ele brinca e convida Rafael para participar. Felipe pode ter se ofendido por não ter sido convidado e lança uma provocação dizendo que o coração de Renan é feio, conceito altamente pontuado pelos professores e assistentes e reproduzido pelas crianças. Logo, a provocação gratuita feita pelos meninos Felipe e Rafael é direcionada à menina Carina, o que nos leva a questionar a “forma como papéis são socialmente estereotipados por gênero. [...] expectativas de gênero não são simplesmente inculcadas nas crianças pelos adultos, mas são socialmente construídas pelas crianças nas interações com adultos e entre si” (CORSARO, 2009, p.34-35).

Embora as ações acima possam ser consideradas como pontuais, verificamos a apreensão de informações e modos de apropriação de papéis provenientes do mundo adulto e reproduzidas na rotina das crianças no CEIM.

Entretanto, é importante destacar sentimentos originados da disputa de poder entre crianças e adultos e entre crianças e crianças, nesse caso, meninos e meninas, como podemos ver nos dois trechos a seguir:

“Oh tia, eu não sou amigo das meninas. Eu só sou amigo da Bárbara”. Rafael. (Diário de campo, 1/06/2011).

As crianças estão pintando um desenho fotocopiado com giz de cera. Estão sentados à mesma mesa, Carina, Felipe e Rafael. Durante a execução da atividade algumas crianças quebram, sem querer, o giz e começam a discutir sobre isso. Carina diz: ‘Quebra...’. Rafael, para contrariá-la, disse: ‘Não quebra!’. Então, Carina mostra seu giz para

Felipe dizendo: 'Esse giz está quebrado, mas dá para pintar.' Felipe num tom muito alto e bravo responde: 'Para de falar comigo que eu não sou teu amigo!'. Rafael ouve e pergunta a ele: 'Você é meu amigo?'. Felipe responde: 'Sou, sou seu amigo'. Carina pergunta ou fala alguma coisa, que não consigo ouvir, porém Felipe fica furioso e impondo as mãos na direção de Carina ele diz: 'Eu não sou seu amigo!' (e olha para a assistente Elisa, para ver se ela tinha ouvido sua fala, de tão alto que falou) Como ela não ouviu, ele repete enfaticamente: "Eu não sou seu amigo! [...]" (Diário de campo, 15/04/2011).

Os dois excertos acima destacam as configurações de poder entre os sexos opostos. Tais configurações são frutos das situações e interações sociais vividas pelas crianças nos seus grupos de pares, como também nas relações que estabelecem com os adultos tanto no ambiente educativo quanto no ambiente familiar. E mais uma vez podemos assinalar o poder enquanto elemento fundamental.

De acordo com o fragmento acima, podemos questionar o fato de Rafael não ser amigo das meninas, ou quando Felipe diz: "[...] *para de falar comigo que eu não sou teu amigo!*". "É possível observar ainda o quanto homens e mulheres, meninos e meninas são vistos de forma estereotipada, mostrando o homem como agressivo, forte, racional, ousado, empreendedor e a mulher como passiva, frágil, sentimental". (FELIPE, 2001, p. 61). Como podemos analisar, o fragmento colhido e a discussão da autora acima, refletem essa situação de poder e gênero. Nesse sentido, o que significa para o menino ser ou não amigo dela? Quais são as representações incutidas nas crianças a cerca de ser menino ou menina? Muito mais do responder essas indagações, é refletir sobre a nossa concepção e as configurações que vão sendo tecidas na educação das crianças pequenas.

“Essa (e) é de menina (o)”

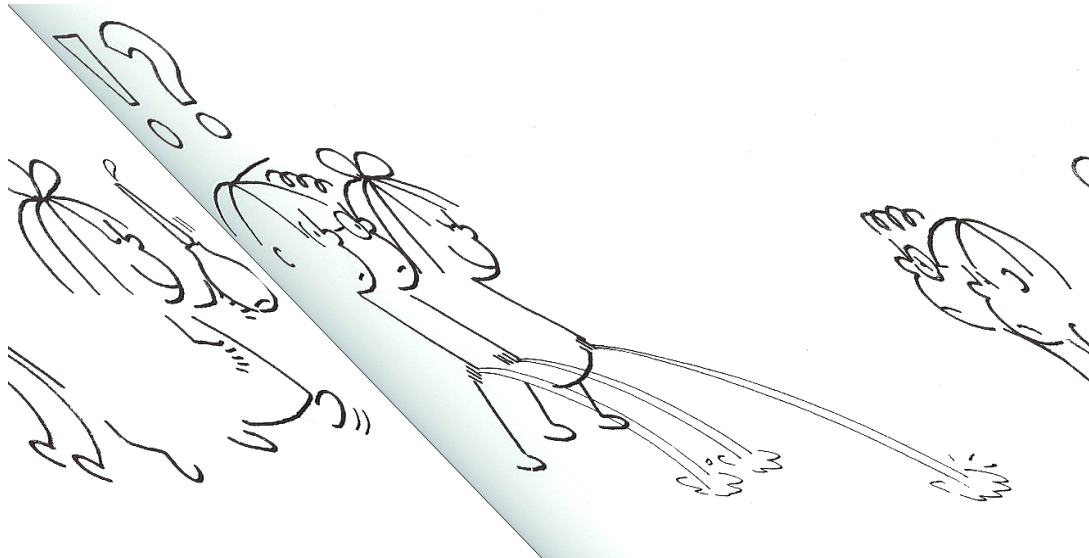


Figura 1 – Desfora
FONTE: FRATO, 1968.

A frase “essa é de menina ou esse é de menino” surgiu também quase com unanimidade nas falas das crianças, principalmente quando se reportavam ao uso das cores. Na medida em que os episódios foram sendo colhidos, percebi que,

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendido de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais (LOURO, 2008, p. 18).

Neste sentido, percebemos a amplitude das formas que tais construções podem ser desenvolvidas, e concordamos com Louro (2008, p.20) quando ela diz que a formação das crianças pequenas explicita “as mais distintas relações de poder: gênero, classe, idade, e lógico, étnicas”.

É no contexto de tais instâncias que apresentamos outros aspectos, evidentes de uma prática estereotipada, que segrega meninos e meninas, delimitando ou reforçando situações que são manifestadas diariamente.

Nesse momento as crianças estavam sentadas à mesa. A assistente Alice distribuiu máscaras feitas em EVA, azul para os meninos e lilás para as meninas. As crianças colocavam-na sobre seus rostos, experimentando-as. Logo que disponibilizou os potes com canetas

coloridas, Vanessa, Bruno e Mariana levantam do lugar e alcançam as canetas. Vanessa diz: ‘Pega a de menina... (cantarolando) essa cor de rosa é de menina (cantarolando)’. Felipe levanta e diz: ‘Eu vou pegar a de menino’. A assistente Alice estava falando sobre o carnaval e questionando as crianças se elas sabiam o que era carnaval. Marcos sai do seu lugar para pegar uma caneta colorida que estava do outro lado da mesa e diz: ‘Peguei a de menina’ (cantarolando) – ele pegou uma caneta amarela e voltou em direção ao seu lugar na mesa. Ninguém diz nada, e ele mais uma vez ‘peguei a de menina...’ a assistente ouve e diz: ‘pegou a de menina’, Marcos: ‘hãã... peguei a de menina’ (cantarolando). A assistente: ‘Mas também é de menino, sabia? Não tem problema...’ Vanessa que observa Bruno experimentando sua máscara e dançando diz: ‘Oh, o meu é de menina...’ (colocando sobre seu rosto) e continuam a dizer eu peguei de homem... (Bruno) e nesse vai e vem de cores de caneta, Vanessa pega uma caneta colorida verde e fala que é igual a do Guilherme. Sandro fala apontando com o dedo para a máscara de Vanessa: ‘aqui tá cor de homem’. A assistente diz que verde também é de menina. Renan ouve e diz: ‘Eu também todi cor de homi’. A assistente interfere: ‘Verde também é cor de menina, sabia?’. Vanessa aponta para Mariana e diz: ‘Ela tá de homem...’ (Diário de campo, 01/03/11).

No registro acima temos algumas situações que nos chamam a atenção, por serem delineadoras das condições de aprendizagens. A primeira refere-se ao momento que a assistente traz máscaras na cor azul para meninos e lilás para meninas. Ela poderia ter trazido de várias cores, oportunizando a autonomia da escolha pelas próprias crianças, identificando as preferências para o enfrentamento das possíveis questões estereotipadas, relativas ao gênero. Nesse caso, verifica-se uma atitude comum, originada da ausência de reflexões em torno das questões de gênero e sexualidade. Felipe (2001) diz:

[...] as expectativas que temos em relação a homens e mulheres, meninos e meninas são construídas numa determinada cultura e num determinado tempo histórico. São essas expectativas que chamamos de relação de gêneros. Ou seja, o conceito de gênero surgiu para se contrapor à ideia de essência, tentando mostrar que tanto o jeito de ser homem ou mulher quanto os comportamentos esperados para ambos são construídos históricos e socialmente. (FELIPE, 2001, p. 65).

Desta forma, as atitudes de educadores frente a essa problemática, deverão ser alvo para discussões, possibilitando a igualdade com respeito às diferenças.

Na segunda situação, verifica-se que a assistente entra em contradição quando trazem cores direcionadas, uma para as meninas e outra para os meninos e depois afirma que ambas as cores podem ser tanto de meninos quanto de meninas. São situações,

embora sutis, que podem desencadear um enfrentamento entre ambos os sexos, se tomarmos a cena que Marcos se apossa da caneta que diz ser de menina. Ao mesmo tempo em que os meninos falavam que a cor rosa é de menina, eles não se furtavam em utilizá-las, como vemos quando Marcos fala que a cor amarela é de menina e mesmo assim a utiliza. Vamos a outro exemplo:

As assistentes Maria e Alice estão no pátio brincando com crianças. Elas andam em volta da casinha batendo palmas e cantando: ‘Vamos passear na floresta, enquanto seu lobo não vem’. Vanessa, nesse momento era o “seu lobo” e estava dentro da casinha passando batom. Ana Clara, ao vê-la passando batom, se dirige a assistente Maria e diz: ‘Oh tia!? A gente deixa o lobo passar batom?’. A assistente Maria dá risada e pergunta a Ana Clara: ‘O lobo passa batom?’. Alice também ri e questiona: ‘A loba passa né?... a dona loba, né?’. Então perguntei para Ana Clara se o lobo passava batom e ela respondeu positivamente que sim, balançando a cabeça. Aline que estava na sua frente disse: ‘Não! Ele passa manteiga de cacau’. E sai em direção a casinha. Enquanto isso, Vanessa continua passando batom. (Diário de campo, 3/08/11).

Na passagem acima observamos as crianças brincarem de faz de conta. Percebemos que as questões de gênero também estão presentes. E aqui se trata de uma brincadeira que o lobo faz uso de maquiagem. A fala de Ana Clara traz indícios de uma suposta necessidade de autorização da professora para o lobo passar ou não batom. Nesse sentido, Ana Clara recorre à sua professora quando se encontra numa situação de conflito, ou em situações contrárias àquelas que estão acostumadas a viverem. Ainda assim, ela não viu problema em ver o lobo se enfeitando quando respondeu positivamente, ao contrário da assistente que refuta dizendo que a loba pode passar.

Esse fato poderia ter sido tratado com naturalidade por parte das assistentes, no sentido de dar liberdade às manifestações das crianças, fomentando e enriquecendo as questões de sexualidade, trazendo para o cerne discussões presentes nas falas de Ana Clara e Aline, considerando suas divergências como presentes e atuais, revelando suas formas de pensar ou resolver os problemas.

Como colocou Louro (2008), as questões relacionadas ao gênero são construídas de diversas formas e em vários momentos que os adultos estão desavisados da profundidade dos assuntos. Por isso, a necessidade de estarmos em constante reflexão e apurarmos nossa sensibilidade de ouvir a criança, como também termos cuidado e atenção com as múltiplas formas de falarmos com elas, isso inclui seleção de materiais que sugerem concepções e ideias homogeneizadoras como, por exemplo, o uso da cores. Outra característica dessa concepção diz respeito à organização e ao desenvolvimento

da prática educativa ao eleger primeiro “os meninos para depois as meninas”, ou vice-versa, como foi possível observar na hora de tomar o banho, ou na execução de algumas atividades. A seguir, nos apoiamos em manifestações e falas da professora, assistentes e crianças:

A professora organiza a atividade em que vai colorir as mãos das crianças com tinta, para depois carimbá-las no papel, ela diz: **‘Vou pintar primeiro as mãos dos meninos, depois das meninas’** – o fato é que pinta de azul para carimbar as mãos dos meninos e vermelho para carimbar as mãos das meninas. Carina ouve e diz, reforçando o que a professora Jane havia dito: ‘Depois das meninas’. Mariana como se confirmasse também: ‘... Depois das meninas. **É de meninas, não é de homem, né?**’ (olhando para Carina.) As crianças (Mariana e Aline) mexem nas caixas de tintas. Aline pega o pote de tinta vermelho e diz, olhando para mim: ‘Tia, esse aqui é de menina!’. Mariana pega o pote amarelo e diz: ‘Esse é de menino’, e aponta com o dedo para a blusa de Aline e diz: ‘É da cor de sua blusa’ (o pote vermelho). (Diário de campo, 7/04/11).

As crianças estão sentadas no piso, na frente do CEIM. A assistente Alice distribui giz colorido para as crianças desenharem. Bárbara pega o giz (rosa) oferecido por ela e diz: **‘Quero cor de menina!’** – e começa a desenhar. Eu pergunto a ela, como forma de fomentar uma possível discussão: ‘Essa cor aí, que cor é Bárbara?’. Bárbara responde: ‘De menina’. Eliana: ‘De menina?’ – ela não responde. Guilherme, que está próximo, mostra o giz amarelo e diz: **‘Esse aqui é de homem’**. Eliana: ‘De homem?’. Enzo que está sentado ao lado de Guilherme confirma: ‘Oh! De homem’. Eliana: ‘De homem?’. Vanessa contesta com Enzo, pois ela está com um giz na cor amarela: ‘De menina!’. Enzo: ‘Não, é de homem!’. Vanessa (brava): ‘De menina!’. Nesse momento Alice tenta desconversar a discussão e diz: ‘Vamos desenhar um coelhinho da páscoa!’. Enzo e Vanessa levantam e vão em direção da assistente que está desenhando um coelho com giz cor de rosa. Rapidamente Enzo contesta: ‘Oh... oh tia... é de mulher... é de mulher, tia!’ – como se estivesse perguntando – desenhar coelho com giz na cor rosa. Assistente: ‘De mulher?’ – Enzo não responde. Mariana se aproxima e diz: ‘A tia fez coelhinho da páscoa!’. E eles continuam desenhando, a assistente desenha uma menina no chão com giz na cor rosa e um menino com o giz na cor azul. Nesse momento, Enzo pede para a assistente trocar o giz amarelo pelo azul. Vanessa ouve, levanta e segue em direção da assistente dizendo: ‘Tia, eu quero de menina’. A assistente procura um giz (rosa) e lhe dá. Ela volta para o lugar que estava dizendo: **‘Olha!... eu tô de menina.’** Enzo vai até Sandro, mostra seu giz na cor azul e diz: ‘Oh!... eu tô igual você’. Sandro também está com um giz na cor azul. (Diário de campo, 6/04/11).

A assistente pede para as crianças sentarem encostadas na parede e ela senta de frente para as crianças. De posse de um livro de literatura ela aborda sobre as imagens do livro: **‘Esse aqui é macho ou fêmea?’** (se referindo a imagem de um sapo na capa do livro) Bruno responde: ‘Fêmea’. Assistente: ‘Fêmea... Oh...o Bruno está ligado’. Logo depois, ela pergunta: **‘Por que será que é fêmea?’** As crianças não respondem. Assistente: **‘O que ela está fazendo?’** As crianças

continuam dizendo fêmea. A assistente: ‘O que é isso aqui, oh?’. Elas não conseguem identificar. Ela diz: ‘**Porque está fazendo tricô...** oh’. (Diário de campo, 28/03/2012).



prática e
delimita
responsa
homens,
falas co
crianças
para pas
pintura
assisten
podem d

adora da
pública a
o sendo
ados por
ados de
, muitas
os deles,
crochê,
ssores e
ções que

Figura 2 – Desenhos elaborados pela assistente e crianças

Nota-se que as crianças são alvos de práticas educativas descomprometidas por não perceberem que elas estão num processo de transformações. Atos, falas e atitudes são prescritivas de muitas significações, pois estão carregados de valores e refletem nas formas de agir e de pensar das crianças.

Um contraponto da fala da assistente denota a fragilidade das concepções que arremetem a atitudes pejorativas, quando se salientam, por exemplo, a competição entre meninos e meninas, por parte dos adultos (professora e assistentes) quando dizem “**os meninos estão ganhando**” (Diário de campo, 28/03/2012). Está fala se dá quando as crianças são condicionadas a fazerem alguma atividade que não demonstram interesse, nesse caso, em relação ao recolhimento dos brinquedos que estão na sala. A intenção é fazer com que as crianças recolham os brinquedos, para isso, ela provoca-os jogando meninas contra os meninos.

A professora Jane pede para as crianças guardarem os brinquedos, dizendo: ‘**Todo mundo tem que ajudar**, lembra o que nós combinamos?’. Carina que está recolhendo os brinquedos diz: ‘**As meninas tão ganhando!**’. Felipe retruca: ‘**Os meninos tão**

ganhando' e continuam cantarolando, as meninas de um lado e os meninos de outro. Bárbara precisa da confirmação de uma outra pessoa para validar: 'Não é que as meninas tão ganhando?' (Aline também canta). Felipe: 'As meninas... os meninos tão ganhando... as meninas perdeu! As meninas perdeu!'. Eliana pergunta a Felipe: 'Por que as meninas perderam?'. Ele responde: '**Por que os meninos cataram mais rápido**'. Carina ouve e diz: 'Perderam não!!!'. Rafael se aproxima de Eliana e diz confirmando a situação: 'As meninas perderam tia!' (Diário de campo, 28/03/11).

A fala da professora se constitui enquanto um discurso impositor que implica em atos cooperativos, como também, o sentimento da disputa, do valor de ser superior porque foi mais rápido. No entanto, uma ação que poderia ser cooperativa é ambígua e incoerente, resulta em exaltações de poder nos meninos porque são mais ágeis e mais velozes que as meninas.

Verifica-se que essa temática, entre as outras que ora pontuei no trabalho, faz parte de reflexões que necessitam de um aprofundamento, principalmente porque são questões provenientes "de pessoas, de sua organização social e dos processos de naturalização vividos cotidianamente nas nossas ações, de maneira que não pensamos mais sobre isso e elas se tornam automáticas", como afirma Sarat (2011, p.78).

A estreita relação entre não pensar e tornar automático demonstra a invisibilidade do processo de formação, reflexão e ação. Acredito que tais reflexões possibilitam um maior conhecimento teórico, como também contribui para que o adulto edifique sua prática de forma consciente e alicerçada.

Considero que a infância é um período da vida humana e que é nesta, como pontuou Sarat (2011, p.118), "que os indivíduos adquirem referências que serão levadas para a vida adulta, estabelecendo vínculos e formando concepções que passam de uma geração para a outra". Desse modo, observa-se que as concepções podem passar por transformações quando existe a possibilidade de um estranhamento, rompendo com as formas automáticas de pensar, ampliando e formando novas concepções.

Por fim, é na complexidade das relações sociais que são estabelecidas entre as crianças, as várias configurações de poder. Assim, as relações de amizade, as questões relativas ao gênero e sexualidade foram sendo delineadas, construídas a partir das situações e interações vividas em seus grupos de pares e nas relações com os adultos e com as outras crianças.

Referências Bibliográficas

- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CORSARO, William A. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e transição iniciais na vida das crianças. In: MULLER, Fernanda e CARVALHO, Ana Maria Almeida. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 83-103.
- FELIPE Jane. Sexualidade, Gênero e novas configurações familiares: algumas implicações para a educação infantil. In: KAERCHER Gládis Elise P. da Silva. CRAIDY Maria. (Orgs.). **Educação infantil pra que te quero?** Porto Alegre. R.S. Artmed Editora, 2001.
- LOURO Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Proposições, v. 19, n. 2 (56) – maio/ago., 2008.
Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em 27/11/2011.
- KULHMANN Moysés Jr. FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org). **A Infância e sua Educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pedagogia e a educação infantil**. Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr, 2001. Nº 16. Disponível < <http://www.anped.org.br/rbe>>. Acesso em 15/04/2010.
- SARAT, Magda. **Educação, Memória e Gênero: contribuições de Norbert Elias**. Intermeio: revista do programa de pós-graduação em educação, Campo Grande, MS, v.17, n.33, p.118-139, jan/jun. 2011. Disponível em <http://www.intermeio.ufms.br/revistas/28/InterMeio_v14_n28.pdf>. Acesso em: 10/01/2012.
- TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Tradução Jorge Andrade. Instituto Piaget. Lisboa, 1988.